



O protagonismo dos agricultores familiares no processo de transição agroecológica na Região Metropolitana de Manaus - AM.

The role of family farmers in the process of agroecological transition in the Metropolitan Region of Manaus - AM.

SOUSA, Silas G. Aquino¹; PINTO, Jose Rodrigues²; ARAÚJO, Maria Isabel³;
MENEZES, Marcio A. Oliveira⁴; WANDELLI, Elisa Vieira¹

¹ Embrapa Amazônia Ocidental, silas.garcia@embrapa.br; ¹wandelli,elisa@embrapa.br;
²joserodriguespinto22@gmail.com; ³PPGSCA/UFAM, miar@terra.com.br; ⁴PPGCASA/UFAM,
mzmario@yahoo.com.

Eixo temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: O presente relato visa narrar o protagonismo dos agricultores familiares da Região Metropolitana de Manaus no processo de transição agroecológica. Neste contexto, os agricultores participaram ativamente de ações compartilhadas com agentes de instituição de ensino, pesquisa e extensão, experimentando o processo de transição agroecológica. Os resultados demonstraram que os agricultores aderiram ao movimento agroecológico, articularam associações, redes de agricultores, trabalho de ajuri, substituição de insumos e redesenharam novos agroecossistemas. Criaram a OPAC MANIVA, articularam a elaboração da política pública estadual de agroecologia e produção orgânica do Amazonas e saíram da invisibilidade. Assim, protagonizaram a construção do conhecimento agroecológico no Amazonas e ajudaram outros agricultores a percorrerem o processo de transição agroecológica.

Palavras-Chave: Amazônia; Agricultura familiar; Agroecologia; Agrobiodiversidade.

Keywords: Amazon; Family farming; Agroecology; Agrobiodiversity.

Contexto

Na região Amazônica acreditava-se que todos os agricultores familiares praticassem uma agricultura baseada na agrobiodiversidade, sem o uso de agroquímicos. Entretanto verificou-se que os agricultores próximos aos mercados consumidores, fazem uso deliberadamente de herbicidas, adubos químicos sintéticos e agrotóxicos para combater as pragas das lavouras.

No Fórum de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos, promovido pelo Ministério Público Estadual (MPE) foi apresentada a pesquisa do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA) mostrando que o Amazonas consome 50 % mais agrotóxicos que a média nacional (G1/AM, 2016). Este fato tem motivado cada vez mais, a busca de conhecimentos agroecológico, para que os agricultores possam ser protagonistas do processo de transição agroecológica, com objetivo de escaparem do modelo dependente do “pacote tecnológico da revolução verde” e disponibilizarem alimentos mais saudáveis, nutritivos e sustentáveis.

Neste contexto, foi necessário incentivar ações de construção do conhecimento agroecológico, compartilhadas pelos agentes de instituição de ensino, pesquisa e



extensão, em parceria com os agricultores dispostos a participarem do processo de transição agroecológica, em direção à prática de uma agricultura com maior nível de sustentabilidade.

A discussão sobre a transição agroecológica passa necessariamente pela observância dos princípios do desenvolvimento rural sustentável. Segundo Caporal e Costabeber (2004), agroecologia não é um modelo e nem uma forma ou estilo particular de agricultura. A agroecologia propõe um conjunto de princípios e de metodologias participativas que apoia o processo de transição dos modelos de agricultura convencional para estilos de agricultura de base ecológica e de desenvolvimento rural sustentável. Para sistematizar o processo de transição agroecológica no ambiente da propriedade, Gliessman (2000) apresentou as seguintes etapas: a) redução e racionalização de uso de insumos químicos; b) substituição de insumos químicos por outros de origem biológica e c) manejo da biodiversidade e redesenho dos sistemas produtivos. Com efeito, os agricultores vão redesenhando e compartilhando com outros agricultores novos agroecossistemas, oferecendo ao mercado consumidor produtos orgânicos, livres de agrotóxicos, com preço diferenciado, criando as bases para um ambiente saudável e melhoria das condições de vida, atendendo os princípios do desenvolvimento rural sustentável.

Sendo assim, o presente relato de experiência técnica objetivou narrar o processo de construção do conhecimento em agroecologia, e a transição agroecológicas dos agricultores dispostos a praticarem estilos de agricultura de base ecológica na Região Metropolitana de Manaus – RMM. Contudo, apesar dessa temática ganhar visibilidade no século XXI, pode-se lembrar a iniciativa de jovens estudantes, professores, pesquisadores, extensionistas e agricultores que participaram dos Encontros Brasileiros de Agriculturas Alternativas - EBAA's, na década de 80 e 90, cujos eventos precederam o movimento agroecológico e a construção do conhecimento agroecológico no Brasil.

Descrição da Experiência

No presente trabalho utilizou-se abordagem do método de pesquisa-ação etnográfica, para rodadas de conversas, capacitação, experimentação e troca de saberes, pesquisa bibliográfica de cunho teórico, visitas nas áreas dos agricultores associados da Associação de Produtores Orgânicos do Estado do Amazonas –APOAM e da Rede Maniva de Agroecologia - REMA, bem como, visitas as feiras de agricultores familiares da RMM, principalmente da zona Periurbana de Manaus, comunidades rurais de Rio Preto da Eva, Iranduba e Careiro.

No final do século XX e início do século XXI, agricultores, pesquisadores, professores, técnicos de ATER e demais sujeitos dos movimentos sociais, que estavam inconformados com os rumos da agricultura predatória na Amazônia e a carência de alternativas para o desenvolvimento rural sustentável da Região, iniciaram o que podemos denominar de processo de transição agroecológica no Amazonas. Diante dessa conjuntura, os agricultores protagonizaram várias ações, canalizando suas



demandas por meio dos movimentos sociais, participando de eventos, tais como: a conferência das Nações Unidas Eco-92, Agenda 21 e GTA em 1992, o “Grito dos Excluídos”, iniciado em 1995, o projeto Proambiente, em 2003 (Mattos, 2011) entre outros eventos dos movimentos sociais, sobre desenvolvimento rural sustentável. Nestes eventos, os agricultores demandaram as políticas públicas de fomento, crédito, assistência técnica e tecnologias para agricultura familiar. Concomitantemente, os agricultores realizaram a troca de saberes e participavam dos cursos de agrofloresta, agricultura sem queima, permacultura, agricultura orgânica entre outros eventos de capacitação tecnológica, sociais e de educação ambiental e de trabalho coletivo em regime de ajuris.

Por outro lado, os técnicos da extensão, professores e pesquisadores participaram com o mesmo protagonismo, acompanhando o movimento dos agricultores. Com efeito, foram em busca das bases científicas e de validação de tecnologias alternativas e sociais, baseadas em práticas agrônômicas, sociais, ambientais consideradas agroecológicas.

Resultados

Um marco histórico do movimento agroecológico foi na virada do século XX para XXI, os agentes de pesquisa, ensino e extensão rural, juntos com os agricultores e outros agentes interessados em discutir alternativas de agricultura para a Amazônia, realizaram o 3º Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais - CBSAF, em 2000, em Manaus/AM, com a temática: manejando a biodiversidade e compondo a paisagem rural. Durante este evento, os participantes criaram a Sociedade Brasileira de Sistemas Agroflorestais – SBSAF, em 2000; em seguida, participaram da Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, em 2002 e da criação da Associação Brasileira de Agroecologia – ABA, em, 2003. Participaram também, da elaboração do Marco Referencial de Agroecologia da Embrapa, em 2006. (Embrapa, 2006), criaram o Fórum Permanente de Agroecologia no Amazonas, em 2007 (ALEAM, 2011), realizaram a I Reunião Amazônica de Agroecologia em 2007 e participaram ativamente na elaboração dos projetos de política pedagógica, para criação dos cursos acadêmicos de agroecologia na Universidade do Estado do Amazonas em 2010 e no Instituto Federal de Educação em 2012 (SOUSA et al., 2018). Promoveram o seminário regional de Construção do Conhecimento Agroecológico em 2011, demais eventos e projetos em agroecologia e intensas visitas técnicas nas unidades agrícolas familiares - UAF, acompanhando o esforço dos agricultores nas fases do processo de transição agroecológica.

Os agricultores familiares ganharam confiança e apostaram em produzir de maneira mais sustentáveis. Com efeito, os agricultores intensificaram suas experiências em agricultura de base ecológica, tais como: permacultura, SAFs, agricultura sem queima, agricultura orgânica entre outras modalidades. Praticaram deliberadamente a solidariedade, exercitaram a organização comunitária e o trabalho coletivo solidário em regime de ajuri, em suas várias dimensões (MERIGUETE, et al., 2016). Graças a experiência e práticas dessa parcela de agricultores e o envolvimento de agentes das



instituições de ensino pesquisa e extensão, o movimento agroecológico no Amazonas pode demonstrar para os demais agricultores, que foram capitaneados pelas tecnologias da “revolução verde”, a possibilidade de experimentar diversos estilos de agricultura de base ecológica, permitindo construir as bases de experiências para um processo de transição agroecológica no Amazonas. Os primeiros agricultores que aderiram ao movimento agroecológico foram aqueles que criaram a Rede de Agricultores Tradicionais do Amazonas – REATA (Ono, 2007), pois praticavam algum estilo de agricultura ecológica, e com este protagonismo ajudaram outros agricultores, a percorrer o processo de transição agroecológica.

Estes agricultores de base ecológica, principalmente de agricultura orgânica, foram ganhando visibilidade junto a sociedade, participando inicialmente da semana anual de orgânicos, promovida pela CPOPG/MAPA, e depois com apoio da Prefeitura de Manaus - PMM e da Secretaria Estadual de Produção Rural do Amazonas – SEPROR, consolidaram a primeira feira semanal, de produtos orgânicos, nas dependências do MAPA, em 2009. No início somente dois produtores eram certificados, o Sítio Alvorada e o Sítio Yamashita, em seguida juntaram mais dez agricultores. Neste ambiente da feira, criaram a Associação dos Produtores Orgânicos do Amazonas - APOAM, em 2010, depois com apoio de OGs e ONGs, instituíram em 2012, a Rede Maniva de Agroecologia - REMA e em 2014 a Associação Maniva de Certificação Participativa - OPAC MANIVA, nº 35, responsável atualmente pela certificação dos agricultores da Rede Maniva de Agroecologia. Com a criação destas instituições, os agricultores e técnicos puderam participar da formulação de políticas públicas do governo federal: Planapo/20 13-2015, elaborado pela Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica, articularam e aprovaram o Plano Estadual de Política de Agroecologia e Produção Orgânica – Lei nº 4.561/2018 (AMAZONAS, 2018). Com estas articulações e instrumentos de políticas públicas o processo de transição agroecológico dos agricultores familiares da RMM cresce (Acritica, 2019; Emtempo, 2019) e ganha visibilidade no Estado do Amazonas.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os associados da Rede Maniva de Agroecologia e as instituições de ensino, pesquisa e extensão do Amazonas.

Referências bibliográficas

ACRITICA. **Venda de orgânicos cresce no AM** (2019). Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/venda-de-organicos-decola-no-amazonas-manauaras-estao-entre-os-que-mais-consomem>. Acesso em: 3 jul. 2019.

ALEAM. **Homenagem ao Fórum Permanente de Agroecologia do Amazonas** (2011). Disponível em: <http://www.ale.am.gov.br/2011/08/05/aleam-faz-homenagem-ao-agricultor-amazonense/>. Acesso em: 2 jul. 2019.



AMAZONAS. **Lei 4.561/2018. A Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica no Amazonas** (2018). Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=359029>. Acesso em: 2 jul. 2019.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA. 2004.

EMBRAPA - **Marco Referencial em Agroecologia da Embrapa - MRAE**. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnologia, 2006. 70 p.

EMTEMPO. **Procura por produtos orgânicos cresce no AM** (2019). Disponível em: <https://d.emtempo.com.br/ciencia-e-tecnologia-meio-ambiente/148932/procura-por-produtos-organicos-cresce-no-amazonas>. Acesso em: 3 jul. 2019.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processo ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

MATTOS, L.M. Análise do Proambiente como política pública federal para a Amazônia brasileira. In: **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 2, p. 721-749. 2011.

MERIGUETE, I.L.A.V; ARAUJO, M.I.; SOUSA, S.G.A. Ajuri nas florestas: uma prática real, In: **Anais**. Fórum de Est. Leituras de Paulo Freire da Região Norte.1. Educação Popular em Debate. 28 a 30 de abril de 2016. Manaus. 2016.

ONO, M.F.C. Reata: uma experiência agroecológica superando desafios e fazendo a diferença na Amazônia. In: Reunião Amazônica de Agroecologia, 1., 2007, Manaus. A agroecologia no contexto amazônico. **Anais**. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2007. 1 CD ROM.

G1/AM. **AM consome 50% mais agrotóxicos que média nacional** (2016). Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/02/am-consome-50-mais-agrotoxicos-que-media-nacional-aponta-esquisa.html>. Acesso em: 2 jul.2019.

SOUSA, S.G.A.; ARAUJO, M.I.; WANDELLI, E.V. A trajetória na temática agroecológica na Embrapa Amazônia Ocidental. Cong. Latino-Americano de Agroecologia. 6, Congresso Brasileiro de Agroecologia, 10. Seminário de Agroecologia do Distrito Federal. 5. **Anais**, v. 13 n. 1 (2018). 12 a 15 de setembro de 2017. Brasília/DF.